

A EDUCAÇÃO EM UBERLÂNDIA: MEMÓRIAS*

EDUCATION IN UBERLÂNDIA

Antonio Pereira da Silva

RESUMO

O artigo reúne informações sobre a educação que se ministrou no município desde os primeiros habitantes, aí pelos meados da primeira metade do século XIX, até o início da instalação das escolas superiores. Boa parte dessas informações foram colhidas em livros e revistas onde outros memorialistas registraram seus levantamentos feitos em outros documentos e depoimentos pessoais colhidos de antigos estudantes. Daqueles, Jerônimo Arantes foi um pesquisador preocupado com documentos; já Tito Teixeira praticamente viveu a nossa História e usou muito de seus contatos pessoais e das suas lembranças. De minha parte, além dessas fontes, li muita coisa em velhos jornais e, a partir da década de 60, vivi a educação básica como professor, como Secretário Municipal de Ação Social (que à época reunia as áreas da ação social, da educação, da saúde e da cultura) e ainda como Presidente da Fundação Uberlandense de Ensino Médio FUEM que doava bolsas a estudantes do curso secundário. O texto é escrito de forma bastante descontraída apresentando-se como uma memória mesmo, no seu sentido mais amplo. Não se trata apenas de registro de fatos, mas também de lembranças orais ou não do que poderia ter acontecido, de qualquer forma, mantendo o clima educacional da época.

Palavras-chave: história; educação; Uberlândia; Jerônimo Arantes

ABSTRACT

This article gathers information about the kind of education taught in this town since its first inhabitants, from the beginning of the first half of the 19th century until the beginning of the appearance of colleges. Most part of this information has been collected from books and magazines in which other writers had registered their surveys in documents, and from personal documents and personal statements taken from old students. One of them was Jerônimo Arantes, a researcher worried about documents; another was Tito Teixeira, who practically lived our History and used many of his personal contacts and his own memories. As for myself, besides these sources, I have read a lot of old newspapers and, from as early as the 1960s, I have lived the Primary Education as a teacher, a Social Services Municipal Secretary (a position that at the time involved areas such as social work, education, health and culture) and also as President of the High School Foundation of Uberlândia - FUEM (Fundação Uberlandense de Ensino Médio) which donated scholarships to students. The text is written in a very informal way, presenting itself as a real memoir in its broader sense. It is not only a register of facts, but also of memories, oral or not, of what could have happened, anyway, preserving the educational ambience of the time.

Key-words: history; education; Uberlândia; Jerônimo Arantes

* Conferência proferida no I Ciclo de Palestras em História da Educação, promovido pelo NEPHE Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, no dia 09 de agosto de 2002. Email do autor: apsilva@triang.com.br.

Meu nome é Antônio Pereira da Silva. Sou bacharel em Direito, não sei por qual Escola. Comecei na Faculdade de Direito de Uberlândia e 13 anos depois formei-me pela Universidade Federal de Uberlândia. O mais longo Curso de Direito do Mundo, digno de ir para o Guinness. Nunca defendi nem acusei ninguém. Ou seja, não sou advogado.

Sou normalista, professor do curso primário, coisa que não existe mais.

Lecionei algumas matérias no curso secundário, outra coisa que também não existe mais, não porque fosse competente, mas porque faltava professor: lecionei português, geografia, redação e história. Não agüentei quatro anos. Pedi as contas e fui cuidar de outras coisas.

Fui funcionário público na área da Fazenda Estadual onde me aposentei.

Publiquei alguns livros, mas não me considero escritor. Na área de História publiquei a Revista do Cinquentenário da ACIUB que registra aspectos do desenvolvimento econômico do município. Um trabalho muito bonito graficamente, porém cheio de erros. Uma revisão criminoso. Não fui eu quem fez, não. Colaborei na Revista do Sexagésimo Aniversário da ACIUB. Fiz a Revista do Cinquentenário da Sociedade Médica e os livros “Com o Suor do Teu Rosto”, que foi uma biografia encomendada do sr. Alexandrino Garcia, e “As Histórias de Uberlândia, vol. I” o que indica que pretendo publicar uma série de livros.

Embora tenha sido professor de História, até 1983 não tinha muito apego à matéria. A Associação Comercial me contratou para escrever a sua revista especial dos cinquenta anos e foi quando tive um contato profundo com a História do Município. Parei por aí. Poucos anos depois, a ABC-Propaganda lançou uma Revista, “Flash”, e me contratou para escrever artigos históricos municipais. Aí sim, peguei o gosto e não parei mais. Depois escrevi para a revista Dystak's e atualmente escrevo para o jornal “Correio” sempre sobre História do Município.

Às vezes, as pessoas me apresentam como historiador. Eu não acredito que seja. Primeiro porque não estudei para isso, segundo porque o meu trabalho é mais jornalístico que científico, embora seja jornalista, de direito, há apenas um ou dois meses. Não é um trabalho sistematizado, nem eu tenho conhecimento para modelar meus escritos dentro das exigências acadêmicas, nem sei se tenho um estilo apropriado para registrar em palavras a História. Por outro lado, eu trabalho por assunto e não com um contexto. Meu trabalho na área da História, é como o meu último livro, sem qualquer seqüência cronológica, sem qualquer ligação de um artigo com o outro.

Acho que estou mais ou menos apresentado. Acredito que vocês da Universidade estão meio malucos. Volta e meia sou chamado para conversar com alunos e professores de áreas em que sou cego e analfabeto. Já fiz umas quatro palestras no Departamento de Música e não sou Músico. Fiz palestras no Departamento de História e não sou historiador, já disse isso. Fiz palestras no Departamento de Veterinária e de Economia e não sou veterinário, nem economista. Na UNIT aconteceu o mesmo. Fiz muitas palestras no Departamento de Jornalismo sem ser jornalista e no Departamento de Arquitetura sem ser arquiteto.

Espero poder enganá-los como já enganei outros por aí.

Uberlândia é uma cidade diferente das outras na sua formação. Não sei se nos dias atuais podemos colher, em algum lugar, alguma conseqüência disso, mas o nosso fundador foi um educador. Em geral, fundadores de cidades são uns aventureiros, uns mercenários, uns malucos. O nosso fundador foi um homem dinâmico, como todos os fundadores, mas foi também alfabetizado, lia e escrevia, e repartiu os seus conhecimentos com seus vizinhos. Isso não é comum.

Isso à época era extraordinário. Felisberto chegou a Uberlândia uma década depois da Independência. Nessa ocasião o Brasil possuía apenas 3% da sua população alfabetizada.

Felisberto Alves Carrejo, veio do centro de Minas. Relutou muito em vir, mas acabou cedendo aos convites insistentes do seu irmão Francisco.

Era um líder, quem sabe essa liderança não vinha do saber ler e escrever? Era ele quem resolvia as desavenças pessoais, era ele quem puxava o terço nas festas religiosas e foi ele quem fundou a primeira escola na área do futuro Município de Uberabinha. Devia ser um sujeito muito dedicado. Como não havia cartilhas, ele mesmo produzia as chamadas “Cartas de Mão” que eram livros manuscritos pelos mestres onde os meninos aprendiam a ler. Pelo menos um sujeito culto e importante saiu de sua escolinha, o padre José Carrejo, seu filho.

É importante destacar que nessa época, primeira metade do século XIX, creio que nenhum homem sabia ler e escrever por aqui, salvo o Felisberto. Porque as mulheres eu não preciso crer, elas não sabiam mesmo.

Esse é um aspecto interessante. Não era muito necessário a um homem que soubesse ler e escrever. Não havia por aqui o que ler e nada exigia que se escrevesse; mas para a mulher era uma perda de tempo alfabetizá-la; ela ia trabalhar no fogão, trabalhar com vassoura, costura, dar banho em menino e, pronto! Pra que ler e escrever? A mulher nessa época estava reduzida a uma subordinação que, em face de isso ser costume, não humilhava, porém reservava-lhe na velhice e na viuvez, que era bastante comum pois casava-se quase sempre com homens que tinham o dobro e até o triplo de sua idade, uma vida mantida através da caridade dos filhos ou dos genros e noras. É uma situação que eventualmente ainda ocorre.

É óbvio que os alunos do Felisberto eram todos meninos.

Felisberto faleceu em 1872. Não creio que ele tenha mantido sua escolinha rural lá na Fazenda da Tenda até essa data, mesmo porque ele se mudou para o centro do povoado, que era o Largo da Matriz, bem antes de falecer. Nesse intervalo, São Pedro de Uberabinha não teve escola.

O primeiro professor oficial, pago pelo Governo, que chegou a São Pedro de Uberabinha foi o músico e farmacêutico Antônio Maximiano Ferreira Pinto, cujo apelido era “Pintão”. Sua escola ficava no Largo da Matriz, hoje praça Cícero Macedo. Sua esposa chamava-se Honorata Cândida de Paiva Pinto e também era professora. Suponho que lecionasse apenas para as meninas.

O Pintão construiu o primeiro sobrado da cidade. Sua escola deve ter funcionado no térreo. Fundou também a primeira banda de música chamada a “Banda dos Pintos” porque quase todos os músicos eram seus parentes. Em 1879 o Pintão faleceu e substituiu-o o professor e jornalista João Luiz da Silva criador do primeiro jornal da cidade, A Reforma.

Segundo o cronista Adolpho Moreira, em 1877 a zona urbana teve a sua primeira escola particular, instalada pelo folheiro Manoel Isidoro

Isidoro construiu uma casinha baixa numa das esquinas do Largo do Matriz. Diz o Moreira que era uma casa toda aberta, como era comum naqueles tempos. Não sei o que ele quer dizer com isso. Voltada para um lado, estava a oficina do folheiro. Folheiro é uma profissão que não existe mais. Era o sujeito que fazia canecos, funis, regadores, coisas de lata. Voltada para a outra face da esquina, a escolinha, por onde passaram figurões da política, do comércio e da produção rural daqueles tempos.

Era uma escola como a do Felisberto e a do Pintão: todo mundo na mesma sala, embora houvesse diferença no desenvolvimento de cada um. É possível imaginar-se como seriam essas escolas, considerando-se que as casas eram na sua totalidade de adobe e na sua maioria cobertas com palmas de buritis. Além de uma pequena população que mal chegava aos mil habitantes, a maioria das pessoas tinham atividades simples que não exigiam leitura nenhuma muito menos qualquer outro tipo de conhecimento escolar. Creio que a frequência nessas escolas não era muito grande.

Foi a nossa primeira Escola particular e tinha uma estrutura que até há poucas décadas ainda utilizávamos: um professor só para alunos de diversos patamares de conhecimento. Em Uberlândia até, seguramente, a década de 60 do século passado, ainda havia escolas desse tipo, tanto na zona rural quanto na zona urbana.

Uma coisa que é preciso destacar também é que, se havia uma só escola, só podia ser masculina porque não havia escolas para os dois sexos.

Ainda no século XIX tivemos algumas escolas de ensino fundamental, ou primeiro grau.

Logo após a emancipação do Município em 1888 e instalada a primeira Câmara Municipal em 1892, dois professores foram subvencionados pela Câmara Municipal para lecionarem na escola de dona Perciliana Maria de Lacerda e Oliveira. É claro que a escola já existia e deve ter sido a terceira na zona urbana. Foram os professores Eduardo José Bernardes e Francisco Firmino.

Suponho que na zona rural, fechada a escola do Felisberto não se abriu outra de imediato.

Nesse mesmo ano, foram criadas duas cadeiras estaduais, uma para cada sexo, porque naquele tempo, alunos e alunas não se misturavam. Para a cadeira do sexo masculino foi nomeado o professor Joaquim Roberto e para a cadeira do sexo feminino a professora Maria Etelvina da Conceição Cardoso.

Por fim, ainda no século XIX, nós tivemos o primeiro estabelecimento de ensino secundário, depois chamado de ginásio e atualmente absorvido pelo Primeiro Grau. Era uma escola particular, dirigida pelo professor Jerônimo Teotônio de Moraes e se chamou Colégio Uberabinhense. É claro que uma escola dessa magnitude para uma pequena vila que mal acabava de emancipar-se, dava-lhe grande destaque cultural. Houve grande solenidade por ocasião de sua inauguração em 1897.

Até há pouco tempo, o ensino fundamental se dividia em duas etapas: o Primeiro Grau, ou Curso Primário, com quatro séries, e o Segundo Grau, ou Curso Secundário, também com quatro séries. Os dois formaram o atual Primeiro Grau.

Terminado o século, nós podemos imaginar o quadro da educação em São Pedro de Uberabinha. Duas ou três salas toscas, de tetos baixos, possivelmente de chão batido, abrigando crianças separadas por sexo, de diferentes níveis de conhecimento, recebendo lições alternadamente, sendo uma particular com professores mantidos pela Câmara Municipal e uma com dois professores mantidos pelo Estado.

E um colégio, ou seja, uma escola secundária, que obviamente não teria mais do que a primeira série ginásial, apenas masculina. É fácil de se deduzir isto porque lendo a história de uma família cujo momento ápice foram as primeiras décadas do século XX, na qual se formaram advogados e médicos, observei que, enquanto os pais ajudavam os filhos que queriam continuar estudando, após o ginásio, ficavam muito satisfeitos quando as meninas terminavam o quarto ano primário e iam ajudar a mãe a lavar, costurar, cozinhar, fazer quitandas, varrer e lavar roupa. As meninas que aprendiam isso logo, eram tidas como futuras boas donas de casa. Era o que lhes bastava. A mulher era um acessório na vida do homem. Tão dependente que, quando o marido morria, se não se casava de novo, passava a viver no amparo dos filhos. Se não tivesse filhos, certamente teria uma velhice desamparada. Essa situação não se mudou ainda totalmente. Nas classes mais humildes, continua mais ou menos assim.

Nas primeiras décadas do século XX, fundaram-se tantas escolas em São Pedro de Uberabinha que eu penso que escola não era um bom negócio. Eram escolas primárias e secundárias e todas elas de curta existência. Ao mesmo tempo começaram a aparecer professores que marcaram sua passagem pelo ensino e pela cultura da cidade por serem pessoas de elevados conhecimentos.

Até 1929, quando a cidade mudou de nome, instalaram-se nove escolas primárias, apenas uma oficial, o grupo escolar Júlio Bueno Brandão que começou a funcionar em 1915. Todas as outras foram particulares.

Externato Carvalho	- primário
Externato Carvalho de Brito	- primário
GE Júlio Bueno Brandão	- primário
Escola Ruy Barbosa	- primário
Escola Amor às Letras	- primário
Externato Violeta	- primário
Instituto Fundamental	- primário
Escola São Vicente	- primário
Externato Spencer	- primário

Instalaram-se também oito escolas de nível secundário, ou ginásial, e uma Escola Normal. Apenas uma oficial, mantida pelo Estado, o Ginásio Mineiro de Uberabinha, de 1929.

Colégio Bandeira	- secundário
Colégio Mineiro	- secundário
Ginásio de Uberabinha	- secundário
Colégio São José	- secundário
Colégio N. S. Conceição	- secundário
Colégio Santa Rita de Cássia	- secundário
Liceu de Uberlândia	- secundário
Ginásio Mineiro de Uberabinha	- secundário
Escola Normal	- médio (1924)

Nesse período há algumas coisas interessantes a considerar. Primeiro, desde 1835, quando Felisberto Alves Carrejo instalou a primeira escola no município, até 1914, quando se construiu o primeiro Grupo Escolar, jamais tivemos um prédio apropriado para ser escola. Era tudo improvisado. No século XIX as escolas funcionavam em salas de residências, mal acomodadas, sem água, sem instalações sanitárias, sem esgoto, sem nada.

Nas primeiras décadas do século XX, os prédios escolares melhoraram. Passaram a ser mais amplos, saíram da Cidade Velha, subiram para a parte nova da cidade, com construções mais arejadas, modernas, embora continuassem a abrigar alunos de séries diferenciadas na mesma sala, e a manter as separações por sexo. Mas já começavam também a surgir as classes por cadeiras: primeira cadeira, segunda cadeira etc. Surgiram professores de nomeada como José Avelino, Honório Guimarães,

Jerônimo Arantes, Nelson Cupertino, Leodegária de Jesus, Alice Paes, João Basílio, José Felix Bandeira, Mário Porto, Milton Porto, José Ignácio de Souza e possivelmente outros de quem não me lembro.

Alguns desses professores tiveram outras atividades culturais e políticas. Leodegária de Jesus foi poeta de nomeada nacional. Nelson Cupertino foi de excepcional cultura, Honório Guimarães escreveu vários livros.

Foi nesse período que surgiu o primeiro prédio construído com objetivo exclusivo de ser escola: o Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão. A primeira sugestão que esse estabelecimento me oferece está no seu nome: grupo escolar parece-me que significa a reunião das escolas esparsas que existiam. As escolas oficiais nessa época eram chamadas primeira cadeira do sexo masculino, por exemplo, segunda cadeira do sexo feminino e assim por diante. O grupo reuniria centenas de alunos e se acabariam as escolas oficiais instaladas em casas residenciais.

O nome Júlio Bueno Brandão foi a homenagem, sugerida pela cidade, ao Presidente do Estado que autorizou a sua construção. Foi lenta, durou muitos meses, mas saiu.

Outra coisa a destacar era a projeção social dos seus professores, principalmente do seu diretor, Honório Guimarães. Era uma figura de projeção na sociedade e sempre destacado nas reuniões oficiais.

Os ginásios ou colégios, embora continuassem, nos princípios do século, a ocupar prédios residenciais, já mantinham a separação por série entre os alunos, assim como possuíam professores específicos para cada matéria.

Preocupados com o ensino de seus filhos, os uberabinhenses se uniram, formaram uma sociedade chamada Sociedade Progresso de Uberabinha que abrigava pessoas do comércio e da política, ainda que adversários, e construíram um prédio dentro das mais atualizadas exigências pedagógicas. Liderados por Carmo Giffoni, Clarimundo Carneiro e outros, essas pessoas ergueram na praça d. Pedro II, hoje Adolpho Fonseca, o prédio do Colégio Estadual. Foi o primeiro prédio construído especificamente para ser um colégio. Uma escola de segundo grau. Terminado nos primeiros, ou no primeiro ano da década de 20, o prédio foi oferecido para grandes escolas da região que não aceitaram. Foi, enfim, aceito e ocupado pelo Ginásio de Uberabinha, de Antônio da Silveira. Esse Ginásio de Uberabinha já existia desde 1912, instalado na esquina da atual praça Tubal Vilela (era praça da República) com a avenida Floriano Peixoto. É curioso dizer pra vocês que o time de futebol do Ginásio de Uberabinha jogava na praça Tubal Vilela. Até 1929, o prédio construído pela Sociedade foi ocupado por escola particular.

Nesse ano, o Presidente do Estado, Antônio Carlos, criou o Ginásio Mineiro de Uberabinha para funcionar naquele prédio e nomeou como seu primeiro Reitor o dr. Mário Porto, que era Promotor de Justiça e já havia fundado, no ano anterior, o Liceu de Uberlândia.

Podemos dizer que começava uma época nova na educação em Uberlândia. A qualidade do ensino primário já estava assegurada desde 1915, pelo Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão.

Com o Ginásio Mineiro de Uberabinha mais um passo foi dado rumo à melhor qualidade do ensino. Formou-se um bom corpo discente, sob o comando de um homem de idéias avançadas para a época. Um homem de pensamento socializante, de verbo fácil, de muita competência pedagógica. Dizia-se naqueles tempos que o prof. Mário Porto tinha dado um novo rumo ao pensamento político dos uberlandenses através dos seus alunos. Até então, as lideranças políticas locais estavam preocupadas apenas com o poder pelo poder. Depois de Mário Porto, surgiram muitos jovens com um novo modo de ver a política, um novo modo de usar o poder em benefício do povo. Foi quando surgiram os primeiros comunistas da cidade. E o próprio Mário Porto foi acusado de ser comunista e de estar insuflando essas idéias na cabeça dos meninos. Isso era muito perigoso no tempo do Getúlio Vargas. Mário Porto acabou abandonando a cidade por não aceitar essa acusação. Foi ser educador no Rio de Janeiro. Nunca mais advogou.

Nesse período, que vai de 1930 a 1960, mais ou menos, há um grande avanço na educação e paradoxalmente uma grande estagnação.

Como explicar isso? Primeiro o avanço se estabelece através da instalação de colégios de alto nível. O primeiro deles, sem dúvida, é o Ginásio Mineiro de Uberabinha que, pouco tempo depois, mudou seu nome para Colégio Estadual de Uberlândia e ganhou, alguns anos mais tarde, o apelido carinhoso de “Museu”, uma referência à sua antiguidade. Seguem-se, sem ordem de qualidade, o Liceu

de Uberlândia, criado antes que o Ginásio Estadual de Uberabinha, que teve alguns desdobramentos, o Colégio Brasil Central e o Colégio Nossa Senhora das Lágrimas. Uma das qualidades dessas escolas era a sua adequação arquitetônica. Eram prédios construídos para serem escolas, salvo o Brasil Central que já tinha sido outras coisas antes. Essas três últimas eram escolas particulares.

Em 1932, foi instalado mais um Grupo Escolar na cidade, o Minas Gerais, que alguns anos depois mudou seu nome para dr. Duarte. Nesse período surgiu um terceiro grupo escolar, o coronel Carneiro e mais o Joaquim Saraiva, na vila Saraiva, e o Bom Jesus, no bairro Tabajaras.

Quase no final do período foram instalados mais dois colégios conduzidos por religiosos: o Teresa Valsée Pantellini e o Cristo Rei.

Talvez a própria qualidade dessas escolas tenha contribuído para a estagnação. Ou seja, não se instalou mais nenhum colégio de nível secundário e médio. Parece que a educação estava bem suprida com estas escolas. Foi um tempo também, em que os alunos que queriam e podiam fazer cursos superiores, logo que saíam dessas escolas estavam bastante preparados necessitando apenas de um reforço ou de uma recapitulação geral. Os tais cursinhos preparatórios eram na realidade “cursinhos”. Hoje são “cursões”!

Foi nesse período também que se criou a imagem impoluta e extremamente prestigiada do professor. O homem que a cidade inteira reverenciava. Não posso afirmar se, antes era assim, mas não resta a menor dúvida que foi nesse período que a cidade conquistou seus primeiros grandes cursos secundários e médios, ainda que a maioria fosse particular. Outra coisa a destacar é que a escola pública era considerada muitas vezes superior à particular. Hoje parece que isso está invertido.

A contribuição do melhor ensino na cidade era feita pelo Estado. O Estado mantinha os Grupos Escolares e os bons Ginásios Estaduais. As escolas paralelas, particulares, nunca atingiam o nível das escolas estaduais.

Por essa época existiam quatro tipos de escolas do ensino médio, que era aquele que vinha logo após o Ginásio, ou Curso Secundário: eram os cursos normal, de contabilidade, clássico e científico. Os dois primeiros, Normal e de Contabilidade, formavam profissionais. Os dois últimos, científico e clássico preparavam os estudantes para enfrentar os Vestibulares dos cursos Superiores.

O município cuidava quase que só do ensino na zona rural. Alguma escola primária que ele mantinha na zona urbana tinha a mesma estrutura ultrapassada das escolas rurais.

Essas escolas, rurais ou urbanas, municipais, eram deficientes. Os professores não precisavam nem ser formados.

No caso de Uberlândia existiu, nesse período, ou seja, entre 1930 e 1960, em torno de 40 a 50 escolas rurais e meia dúzia urbanas. Tanto uma quanto a outra se constituíam de um cômodo onde se juntavam alunos de todas as séries, meninos e meninas, num turno só, de quatro horas. Os professores tinham que dividir as lições. Passavam deveres para serem realizados em classe para alguns, enquanto davam lições para as outras séries. Era uma ginástica e não podemos nunca nos esquecer que raramente havia um professor formado numa dessas salas. Lembro-me que, em 1967, só havia uma professora formada na Prefeitura. Havia em torno de 50 escolas nessa época.

Não havia água filtrada, os meninos bebiam água nos córregos. Não havia fossa sanitária. Os meninos faziam suas necessidades atrás das moitas, das pedras ou nas margens dos córregos onde bebiam.

Os quadros negros estavam sempre em estado lastimável. Lisos e esbranquiçados. Estamos falando no caso específico de Uberlândia, mas duvido que, em outras cidades, fosse diferente.

O professor Jerônimo Arantes foi chefe do serviço de educação em Uberlândia por muitos e muitos anos. Acredito muito em suas boas intenções e que tenha dado muita atenção às escolas, aos professores e aos alunos.

Depois dele, o chefe do serviço foi o vereador Angelino Pavan. Uma pessoa respeitável, também com boas intenções, mas que deixava suas providências profissionais serem conduzidas pelo seu valor eleitoral.

Em plena década de 60, as escolas rurais eram exatamente como descrevi acima, com a diferença de que o serviço de educação só dava assistência pessoal às áreas que produziam resultado político. Com relação à administração do ensino, não havia nenhuma. Os professores lecionavam o que queriam, vinham à cidade fazer compras e receber salários no dia que queriam, não possuíam material específico e necessário; continuava não havendo filtros nem privadas nas escolas.

Houve escolas que não recebiam a presença de qualquer funcionário municipal até há 25 anos. Há 10, há 15, há 5, eram várias.

Todos os professores moravam na roça. Quando solteiros moravam com algum fazendeiro, quando casados tinham sua residência próxima à escola ou até mesmo acoplada à escola. Havia boas residências e boas escolas (no sentido de novas, bem arejadas) mas sempre sem condições higiênicas e inadequadas e insuficientes para o ensino.

Em 1967, assumi a Secretaria de Ação Social da Prefeitura Municipal de Uberlândia que cuidava de várias áreas hoje com Secretarias específicas: Educação, Saúde, Cultura e Ação Social propriamente dita.

Encontrei tudo, conforme descrito acima. Com apoio do Prefeito Renato de Freitas, trocamos todos os quadro negros: nenhum prestava. Contratamos uma pedagoga e estabelecemos o dia dos professores virem resolver seus problemas na cidade e receber seus salários. No mesmo dia, ou no seguinte, não me lembro mais, havia um encontro com a pedagoga que analisava o que tinha sido feito e estabelecia de forma não impositiva, o que deveria ser feito no período seguinte. Contratamos uma enfermeira para vacinar periodicamente os alunos. Colocamos filtros em todas as escolas. Estimulamos diversas atividades e fizemos duas visitas a cada escola em 1967. Foi aí que constatamos que as escolas não eram visitadas, salvo aquelas que representavam votos, assim mesmo só perto das eleições.

Certa ocasião visitei uma escola que ficava há seis quilômetros da cidade. Era uma escola nova que dois fazendeiros tinham construído e ofereciam à Prefeitura. Anteriormente já tinha havido uma escola na região. Estava fechada não sei por quê.

Fui recebido por um dos fazendeiros que morava na baixada, próximo de um brejo. Casa baixa, de chão batido, escura, cheirando a coisa velha, banquinho de madeira na porta. Fazendeiro muito simples e muito ignorante. De botina arreganhada, barbichinha de Jeca Tatu, roupa amarfanhada e velha. Muito elétrico, muito conversador. Ele contava que o seu compadre, o outro fazendeiro, plantava usando máquinas e adubos o que ele achava uma besteira, jogava dinheiro fora e ria de dar gargalhada dos custos agrícolas multiplicados do outro. Convidou-me para almoçar com ele. Aceitei e ele se espantou: me disse que o outro “inspetor” nem água bebia na casa dele. Já gritou pros fundos mandando a mulher pegar uma galinha bem gorda. E foi aquele almoço delicioso.

Depois fomos ver o outro fazendeiro. Morava num descampado, no alto. Casa pequena, mas de bom pé direito, branquinha, pintadinha de novo, chão cimentado, cheirando a novidade. O fazendeiro gordinho, gentil, de botinas novas, roupas novas e limpas, chapelão branco na cabeça. Entrei, vi sua casa, bem arrumada, mostrando que ele tinha melhores resultados na lavoura que seu compadre. Tinha um cômodo atulhado até o teto por sacos de arroz em casca, depois nos levou à escola que tinham construído, ali no alto mesmo, limpinha e clara como a casa. No dia seguinte, cuidamos que indicar uma professora e material para aquela escola.

De outra feita, um fazendeiro como o primeiro desses dois, nos procurou na Prefeitura dizendo que os meninos lá da sua área estavam sem escola porque a professora sumira, de repente. Que ele tinha construído a escola e queria que se colocasse uma nova professora lá.

No dia seguinte fui visitar a dita escola abandonada. Residência e escola formavam um bloco só, na beirada de uma clareira, rodeada de árvores frondosas que umedeciam e escureciam o local. A escola era um puxado nos fundos da casa do fazendeiro. A casa de residência era baixa, de telhas velhas, telhado emborcado para baixo, muita escura. A escola era pior. Mais baixa que a casa, muito escura, piso de chão batido irregular, quadro negro e carteiras velhas, tudo meio estragado. Não tinha ninguém na escola. Era um cômodo insalubre, totalmente impróprio para escolas, ou para abrigar gente.

Procurei inteirar-me do que acontecera. O fazendeiro é que administrava a escola, sem ter o menor conhecimento de qualquer coisa. Chegava e ia entrando, olhava os cadernos dos meninos, dava ordens. A professora morava na casa dele. Ela me disse que ele proibia ensinar qualquer coisa que não fosse “fazer contas”. Um dia, enquanto ele estava fora, ela aproveitou para passar lições diferentes. Quando ele chegou e pegou de surpresa os meninos lendo, ficou furioso: e gritava pra professora: eu já num disse que é pra ensinar só a fazer contas? Já num disse?

Com muito medo, no dia seguinte, ela fugiu e daí mais uns dias ele foi queixar-se na Prefeitura.

Peguei um caminhão da Prefeitura e mandei buscar tudo que havia lá que fosse nosso. E montamos outra escola noutro lugar.

Esse tipo de escola, urbana ou rural, de responsabilidade da Prefeitura, inadequada, insuficiente, acabou na primeira gestão do prefeito Renato de Freitas. Ele fechou todas elas, demitiu todas as professoras que não fossem formadas (só uma era, já disse), transferiu-as para serviços internos e construiu as primeiras escolas rurais com salas equipadas para cada série, aplicou concurso e nomeou só professores formados que não residiam mais na roça. Diariamente um veículo transportava-os para as suas escolas e os levava de volta para a cidade.

Hoje eu sei que está muito melhor.

Na área do ensino secundário e médio, durante e depois dos anos 60, foi o fim do sacerdócio educacional.

Até então, os professores eram muito estimados e respeitados pela sociedade, não só por serem os portadores do conhecimento, mas também por uma certa postura imponente, mas não grosseira, e principalmente pela aplicação do ensino com o exclusivo objetivo de ensinar.

Por que as escolas perderam o respeito, e o professor caiu do pedestal? Diria que os professores foram atingidos por extensão. Ou seja, as escolas caíram na vala do comércio e arrastaram o prestígio dos professores.

A partir dos anos 60, as escolas surgem como avalanches, mais ou menos como aconteceu nas três primeiras décadas do século XX. Uma atrás da outra. Só que, agora, com características bem comerciais. As escolas entram no mercado da venda do ensino. Os professores são contratados por míseros salários, muitas vezes, sem qualquer condição pessoal de educar.

Eu mesmo me insiro nesse contexto. Eu era e sou professor, normalista, ou seja para o curso primário. Fui preparado, digo até bem preparado, para alfabetizar, não para lecionar no ginásio. E fui contratado. E fui espoliado. Lecionei português, história, geografia, não sei mais o quê. Lecionei em quatro escolas e recebi convites de outras. Lembro-me de que não gostava de geografia e arranjei um professor para substituir-me. O moço tinha sido demitido do Banco onde trabalhava. Nunca tivera qualquer notícia do que fosse lecionar, mas aceitou o meu convite, foi contratado, fiquei livre da geografia. O moço, hoje, é um dos melhores professores de geografia, mas convenhamos, que não sabia nada da matéria quando entrou pela primeira vez numa sala de aula.

Como bom comércio, o ensino começou a ser vendido a qualquer preço. Conheci escolas que vendiam diplomas, conheci escolas que as autoridades educacionais fecharam por diversas irregularidades, conheci escolas que espoliaram alunos e professores. Há escolas já fechadas que, até hoje, criam problemas para ex-alunos por causa de tanta irregularidade cometida.

Entre 1967 e 1970, fui Presidente da Fundação Uberlandense de Ensino Médio. Nós doávamos Bolsas de Estudos, mediante convênios com as Escolas beneficiadas. Foram milhares de Bolsas. Quase todas as Escolas inventavam meios, a partir do segundo semestre, de obrigar os bolsistas a pagarem alguma coisa “por fora”. No mínimo, obrigavam-nos a vender rifas em benefício da escola.

Nos tempos áureos do ensino, os diretores-sacerdotes, doavam bolsas.

Pagávamos boa parte da bolsa logo nos inícios do ano letivo. Era quando os diretores nos tratavam na maior delicadeza. No segundo semestre, não nos davam mais satisfações, diziam-nos coisas desagradáveis e fugiam das nossas visitas.

Na década de 60 começaram a se estabelecer na cidade, as primeiras escolas superiores, sendo pioneiras as de Direito e Filosofia.

O ensino básico, entrou em parafuso, enquanto os cursinhos pré-vestibulares se tornaram excelentes, com um corpo discente também de boa qualidade.

Até a década de 60, os bons cursos médios, o Científico e o Clássico, preparavam os alunos para enfrentarem os Vestibulares. Atualmente, sem Cursinho, ninguém entra na Universidade e, assim mesmo, às vezes, demora muito.

Cursinhos, despachantes e outros atravessadores são os males de um país que não consegue facilitar a vida dos seus cidadãos.

Acho que é tudo o que tenho a dizer. Se houver qualquer dúvida, estou às ordens, se puder responder.

Antônio Pereira da Silva